

# A VARIAÇÃO DIATÓPICA NAS DENOMINAÇÕES PARA O FILHO QUE NASCE POR ÚLTIMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Lígia Sotero Alves<sup>1</sup>  
Marcela Moura Torres Paim<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a variação lexical numa perspectiva diatópica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, no que concerne às formas de denominar *o filho que nasce por último*, item referente à questão 131 do Questionário Semântico-Lexical do referido Projeto, pertencente à área semântica ciclos da vida. Fundamentando-se nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos de caráter dialetal e da geolinguística pluridimensional, seu método por excelência, observaremos a produtividade das variantes obtidas para o item estudado, assim como a possibilidade de formação de subáreas dialetais para suas variantes. Para tanto, serão consideradas as seleções lexicais de informantes moradores de 38 localidades que constituem a rede de pontos do Projeto ALiB, pontos 150 a 187, os quais são representativos do estado de São Paulo. Os informantes, por sua vez, são divididos entre duas faixas etárias, a primeira, de 18 a 30 anos, e a segunda, de 50 a 65 anos, divididos, equitativamente, entre homens e mulheres, com escolaridade fundamental completa, sendo quatro em cada localidade, com exceção da capital do Estado, onde são considerados, também, quatro informantes de nível universitário. Com isso, busca-se demonstrar a maior produtividade da variante *caçula* na fala desses indivíduos, bem

- 1 Graduada em Licenciatura em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista PIBIC Af – CNPq. E-mail: ligia.sotero@ufrpe.br
- 2 Professora Associada III da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: marcela.paim@ufrpe.br.

como indicar vestígios de uma possível formação de subárea dialetal para a variante *raspa do tacho*.

**Palavras-chave:** Projeto ALiB, Dialetologia, Variação Diatópica, Variação Lexical.

## INTRODUÇÃO

**T**em-se como objetivo, neste estudo, observar, a partir das respostas fornecidas pelos informantes do Projeto ALiB ao item 131, *o filho que nasce por último*, do Questionário Semântico-lexical, as escolhas lexicais dos falantes, que são indicativas de variação de caráter diatópico. Do mesmo modo, buscamos a verificação da produtividade das variantes encontradas, comprovando, assim, a variante *caçula* como mais produtiva e, a variante *raspa do tacho* como possível formadora de uma subárea dialetal.

Para tanto, fez-se uma discussão teórica a respeito dos estudos dialetais, os quais permeiam este trabalho, além do seu percurso no Brasil, e os caminhos trilhados que levaram à constituição do *Atlas Linguístico do Brasil* e uma explanação a respeito da metodologia empregada neste trabalho, a qual converge com os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, adotados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Por fim, foi realizada uma reflexão a respeito dos dados linguísticos registrados que, após tratamento quantitativo, apresentam indícios da variação.

## METODOLOGIA

Este trabalho está fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, discutidos por Cardoso (2010) e Paim (2019), os quais convergem com a metodologia adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Consideram, portanto, aspectos como faixa etária, sexo e escolaridade dos informantes, somados à observação diatópica, característica do método, porém, neste estudo, o enfoque será dado à observação da variação diatópica. Fez-se, para tanto, um recorte de 38 localidades da rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), referente aos pontos 150 a 187, os quais são referentes aos municípios de Jales, Votuporanga, São José do Rio Preto, Barretos, Franca, Andradina, Araçatuba, Ribeirão Preto, Lins, Ibitinga, Mococa, Presidente Epitácio e Adamantina, Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru, Moji Mirim, Assis, Bernardino de Campos, Botucatu, Piracicaba, Campinas, Bragança Paulista, Taubaté, Guaratinguetá, Itapetinga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia.

A escolha dessas localidades segue critérios como a existência de áreas dialetais já delimitadas em estudos realizados anteriormente; a importância da localidade no Estado ou Região; e os limites interestaduais e internacionais. Isto posto, constituiu-se para o Projeto ALiB uma rede composta por 250

localidades, sendo 25 capitais de Estado, representativas da realidade linguística brasileira, entre as quais 134 estão em conformidade com os 601 pontos sugeridos por Nascentes (1958) e 37 apresentando casos de coincidência com atlas regionais já publicados, de acordo com Mota e Cardoso (2000).

Para seleção dos informantes, seguindo os pressupostos do já referido método adotado neste trabalho, foram selecionados quatro informantes por localidade, com exceção das capitais de Estado, que, para observação da variação diastrática, são considerados oito informantes. Esses informantes são divididos, equitativamente, nas faixas etárias I e II, 18-30 anos e 50-65 anos, respectivamente; nível de escolaridade fundamental completo e fundamental e universitário completo em capitais; entre homens e mulheres.

## ASPECTOS TEÓRICOS

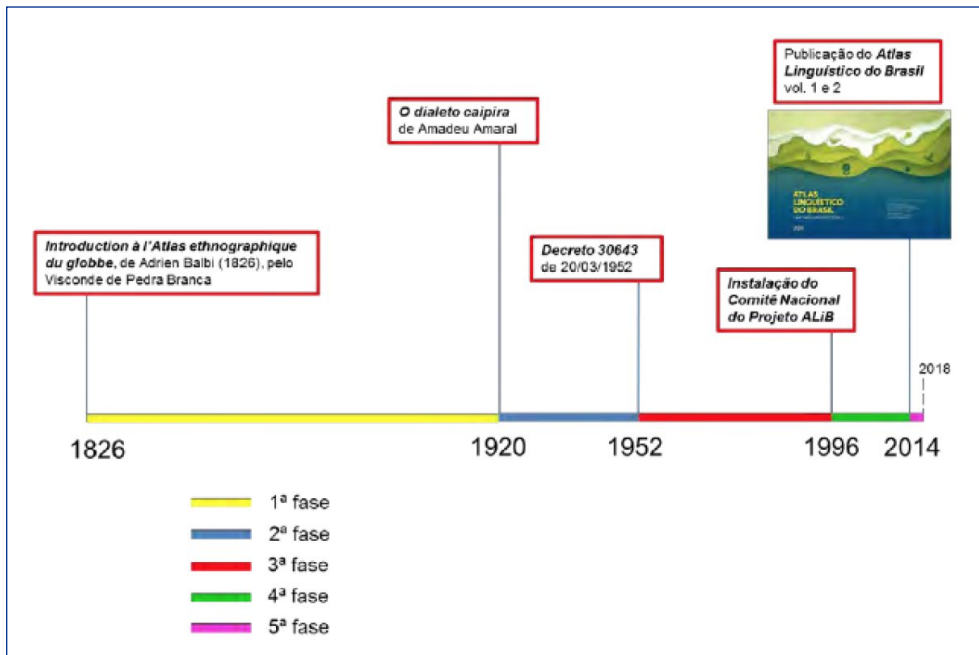
É sabido que o homem e sua linguagem estão intrinsecamente ligados, de modo que através dos usos que faz de sua língua pode-se depreender alguns aspectos a seu respeito, como classe social, idade, sexo e, ainda, a região de onde provém. Tendo em vista a diversidade em que se apresenta o ser humano, compreende-se, também, que a língua o acompanhe em seu dinamismo inerente. Quando se observa o agrupamento de uma determinada maneira de utilizá-la entre os falantes, no que concerne aos seus diversos níveis, sendo fonético-fonológico, lexical, morfossintático, verifica-se a constituição de um dialeto, como propõe Cardoso (2016, p.16), em um determinado espaço.

Para a realização de estudos de caráter dialetal, aplica-se o método da geolinguística, que se volta, a princípio, ao estudo dos fenômenos linguísticos em uma perspectiva regional ou diatópica. Porém, a partir da década de 60 do século passado, com a expansão dos estudos linguísticos em uma abordagem social, pensou-se a necessidade de somar à Dialectologia os parâmetros sociais, como sexo, idade e classe social, constituindo um método que parte de uma perspectiva monodimensional, considerando apenas a variação diatópica, para pluridimensional, abordando, também, variáveis diastráticas, diagenéricas ou diassexuais e diafásicas.

Nascentes (1952, 1953) observa, no que diz respeito ao percurso dialetal no Brasil, a constituição de duas fases: a primeira, centrada em estudo do léxico, inicia-se em 1826, com a publicação da já referida obra de Adrien Balbi, até 1920, com a publicação de O Dialeto Caipira, de Amadeu Amaral; de 1920 até o então da proposta de Nascentes, constituiu-se uma segunda fase, a qual apresenta uma maior sistematização das áreas estudadas, trazendo, além da abordagem lexical, estudos nas áreas de fonética, morfologia,

sintaxe e semântica. Cardoso e Ferreira (1994) trazem, acrescentando às fases propostas por Nascentes, uma terceira, que corresponde aos anos posteriores ao Decreto N° 30.643, o qual atribui à Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Mota e Cardoso (2006) propõem, também, uma nova fase para esses estudos, que corresponde aos anos posteriores à criação de um Comitê Nacional, que implica a retomada da elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, fase marcada pelo aumento de trabalhos monográficos de caráter dialetal e de atlas publicados. Teles (2018, p. 80) apresenta, somando às propostas aqui referidas e que foram tratadas pela autora em sua tese, a proposta de uma quinta fase dos estudos dialetais, referente à publicação dos primeiros volumes do referido Atlas, em 2014, na qual se insere o presente estudo. Essa divisão pode ser observada na Imagem 1.

**Figura 1:** fases da dialetologia no Brasil



**Fonte:** Teles (2018, p.81).

Como mencionado, o interesse pelo estudo da variação do Português do Brasil, no que se refere ao seu aspecto dialetal, faz-se presente desde o século XVIII, de acordo com Cardoso (2016 [2006], p. 361). Esse interesse, somado à urgência de observar determinados dados referentes aos fenômenos da língua, que, tendo em vista seu dinamismo, poderiam perder-se, levou

o Governo Federal, em 1952, através do Decreto N° 30.643, designar à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração de um atlas nacional. Entretanto, naquele momento, dificuldades diversas impediram a concretização dessa empreitada, direcionando os estudiosos da área para a elaboração de atlas de menor domínio, que se inicia com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB, em 1963.

Em 1996, por ocasião do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em 6 de novembro, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, essa empreitada é retomada pela implantação de um Comitê Nacional para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, presidido por Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, que permanece no cargo até 2018, quando Jacyra Andrade Mota, até aquele então, diretora executiva do Projeto, passa a ocupar o cargo. Entre este momento e 2013, diversas etapas para a elaboração do Atlas são vencidas e, finalmente, em 2014 os frutos desse trabalho são colhidos, com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível observar, a partir dos dados quantitativos postos na tabela 1, a produtividade geral das variantes encontradas para Questão 131 do QSL-ALiB. Com isso, verificamos que, para um total de 185 respostas, a variante *caçula* foi identificada como a mais produtiva, apresentando um total de 132 ocorrências. Após *caçula*, as variantes mais produtivas identificadas foram *mais novo*, com 18 ocorrências, e *raspa do tacho*, com 15 ocorrências.

**Tabela 1:** produtividade das variantes.

Produtividade das Variantes para a Questão 131 - QSL/ALiB		
Variantes	Ocorrências	Produtividade
Caçula	132	71%
Raspa do tacho	15	8%
Derradeiro	3	2%
Mais novo	18	10%
Filho último	6	3%
Júnior	1	1%

Produtividade das Variantes para a Questão 131 - QSL/ALiB		
Variantes	Ocorrências	Produtividade
Filhinho de papai	1	1%
N.O	6	3%
<b>Total de respostas geral</b>	<b>185</b>	

**Fonte:** Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras, 2022.

A produtividade dessas variantes fica mais evidente por meio da observação do gráfico 1, por meio do qual podemos constatar que *caçula* compõe 71 % do total de respostas obtidas, ao passo que *mais novo* e *raspa do tacho*, 10 e 8 %, respectivamente.

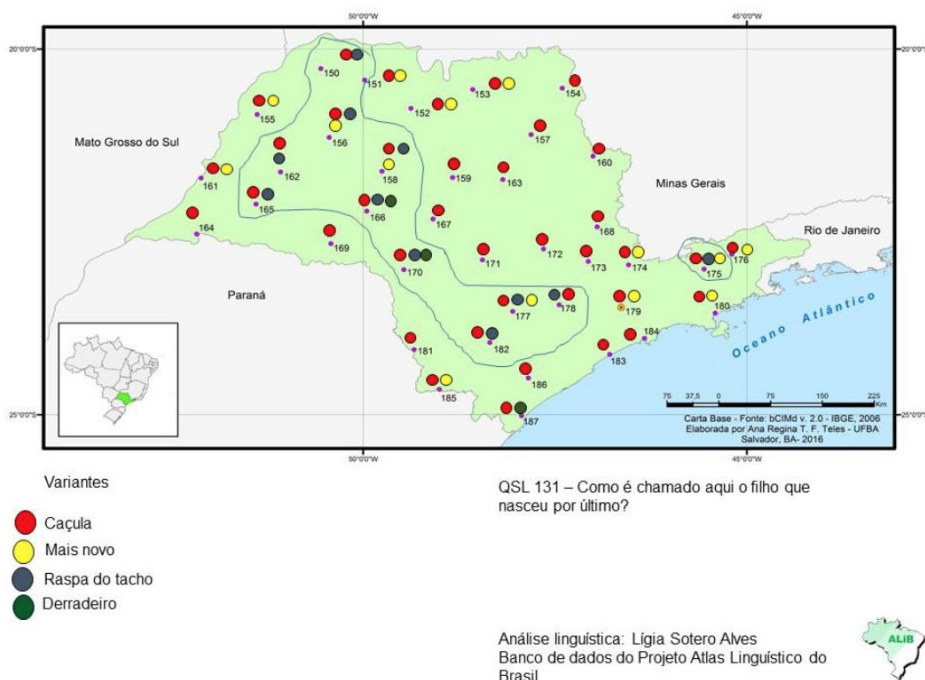
**Gráfico 1:** ilustração da produtividade das variantes para a Questão 131 do QSL – ALiB.



**Fonte:** Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras, 2022.

Pode-se constatar, ainda, que a variante *raspa do tacho*, de fato, constitui uma arealidade visível, a qual pode ser observada na imagem 1, que consiste em uma carta linguística experimental elaborada com o intuito de, neste trabalho, demonstrar a variação de caráter diatópico. É possível verificar que a variante *caçula* ocorre, com maior frequência, em consonância com os dados quantitativos expostos e que ocorre com maior frequência no leste do estado de São Paulo. A variante *raspa do tacho*, como pode ser visto, forma certa arealidade, localiza a oeste do estado, principalmente, em pontos que constituem o interior do mesmo, salvo a ocorrência, junto a *mais novo* e *caçula*, no ponto 175.

**Imagem 1:** carta linguística experimental para ilustração da variação diatópica da questão 131 do QSL – ALiB



**Fonte:** Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras, 2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento e observação dos dados aqui postos, em uma análise quantitativa, confirma-se a hipótese levantada neste estudo. Pudemos observar a variante *caçula* como a mais produtiva, entre as 185 ocorrências verificadas como resposta ao item aqui tratado, QSL – 131. Esta variante faz-se presente ao longo de todo o estado de São Paulo, predominando nos municípios que constituem o leste do mesmo.

Indicou-se, a princípio, a possibilidade de formação de uma subárea dialetal no que diz respeito à variante *raspa do tacho*. Como esperado, a variante em questão agrupou-se em municípios localizados ao interior do estado, destacando-se, apenas, o ponto 175, que se afasta do grupo observado.



## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Diatopia e Diastratia no Português do Brasil: prevalescência ou convivência? In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (org.). **Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2016. p. 361-380

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 198 p.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI

JUNIOR, Celso (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Dialetologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil**. Revista ANPOLL, [S.L], n. 8, p. 41-57, jun. 2000.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). **Documentos II: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. 278 p.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é Diverso no Universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 485 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.